

Aumenta número de mulheres a frequentarem ensino superior

— Dr^a Teresinha da Silva, directora da Faculdade de Ciências Sociais, falando das bodas de prata da OMM

DELFINA MUGABE

N. 18/4/96

HÁ um aumento muito grande do número de mulheres no ensino superior, nos últimos anos. Por exemplo, a nível da Universidade Eduardo Mondlane, a percentagem anda à volta de 24 por cento, o que não acontecia há alguns anos atrás. Todavia, as Ciências Exactas, Químicas e Engenharias, continuam a registar uma fraca participação feminina. Estes factos são um indicativo de que a situação da mulher em Moçambique tem vindo a melhorar pois, existe agora um grande acesso de mulheres nas áreas de produção do saber e do conhecimento, segundo disse ao nosso Jornal, a Dra. Teresinha da Silva, directora da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane, convidada a fazer uma reflexão sobre os 25 anos da Organização da Mulher Moçambicana. A conversa com ela começou da seguinte maneira:

Notícias (N)- Dra. Teresinha da Silva, como vê os 25 anos da OMM?

Teresinha da Silva (TS)- Estive a colaborar durante muitos anos com a OMM em Cabo Delgado e fui um membro muito activo desta organização e por isso mesmo, vou fazer esta reflexão também em relação ao meu envolvimento. Ao falar dos 25 anos da OMM devíamos recuar no tempo e ver, como surgiram os movimentos de mulheres, desde os anos em que os movimentos feministas apareceram como uma luta colectiva contra a subordinação da mulher, em primeiro lugar e, em segundo, contra a sua opressão. Portanto, é uma reivindicação de movimentos de mulheres, principalmente da classe burguesa, que sentiram esta discriminação numa relação entre homens e mulheres. Eu queria recordar um pouco também aquilo que vem num artigo da autoria das dras. Isabel Casimiro e Ximena Andrade em relação aos movimentos feministas e ao aparecimento da OMM. Este documento refere que esta organização surge como resultado de uma necessidade que as mulheres sentiram, de se emanciparem e de reivindicar um espaço na sociedade moçambicana. Mas foi um movimento criado pela Frelimo durante a luta armada, para permitir a igualdade entre homens e mulheres. Mesmo os discursos do falecido Presidente Samora Machel, fazem referência à

emancipação da mulher. A OMM sempre lutou pela emancipação, integração da mulher no trabalho, a sua participação na política e a protecção da mulher e da família. O último aspecto é a socialização do trabalho doméstico e cuidados com a criança. Portanto, são estes aspectos que marcaram bastante o trabalho da OMM e que desenvolveu com profundidade ao longo destes anos e foi fundamental para essa emancipação e para que a mulher saísse da invisibilidade.

NOT- Mas pode se falar já de visibilidade dos resultados desta luta pela igualdade que a OMM vem desenvolvendo ao longo destes anos em Moçambique?

TS- Quando falamos da participação da mulher, na produção e na vida política, etc., na relação de igualdade entre homens e mulheres devemos também ver que essa luta a nível do grupo, mulheres, é diferente das formas de desigualdade que existem no mundo que nos rodeia. E aí, devemos ver que essa desigualdade se faz sentir em muitos campos. Lembro-me da grande conferência da OMM em 1994 em que foram discutidos os valores tradicionais, nomeadamente ritos de iniciação, casamentos prematuros, e outros problemas que provocam desigualdade entre homens e mulheres e era preciso fazer alguma coisa. A OMM levou essas questões à discussão e, a mulher ganhou um grande espaço de afirmação: participou

na comissão de assuntos sociais nos grupos dinamizadores, na resolução de conflitos a nível familiar e comunitário, envolveu-se nos sectores sociais, produtivos e mesmo durante o conflito armado fez um grande trabalho de reintegração das crianças nas famílias biológicas e adoptantes, nos tribunais comunitários, etc. Porém, mesmo até hoje continuamos a ver na divisão social do trabalho, desigualdades. Em casa, a mulher continua a ter a mesma carga de trabalho a nível da esfera doméstica. Portanto, não há nada para aliviar o peso do seu trabalho na actividade doméstica. Mas podemos dizer que a OMM trabalhou muito pela emancipação, ajudou a mulher a tornar-se mais visível e ela hoje já contesta esta desigualdade de acesso. E como resultado dessa libertação, nós vemos hoje a mulher a trabalhar em sectores não tradicionais para a mulher. Já há mulheres na engenharia civil, a trabalhar na abertura de estradas, nas construções, no comércio e noutras actividades.

NOT- Será por isso que a OMM sempre foi conhecida como uma organização que encabeça a luta pela emancipação da mulher em Moçambique...

TS- Sim, até uma certa altura a Organização da Mulher Moçambicana tinha uma total legitimidade, era única organização feminina e toda a mulher se envolvia nela. Mas hoje, com multipartidarismo e com o surgimento de outras associações, as coisas mudaram. A própria OMM optou por regressar ao partido Frelimo, depois de tentar libertar-se e tornar-se uma organização não-governamental e independente. Eu não queria dizer se isso foi bom ou não. Não participei na discussão, mas acho que todos os membros da OMM discutiram abertamente e decidiram a todos os níveis esta situação e reflectiram sobre os "prós e os contras" e o significado desta opção. Mas como uma organização criada pelo partido, logicamente tem que estar dependente do partido e observar a disciplina partidária. E aí há pouca capacidade para iniciativas independentes e, é muito importante no movimento de mulheres, como em qualquer outro movimento, uma independência política, para podermos abarcar todo o tipo de ideologias e de

cores que possam existir. Por exemplo, o Fórum Mulher é uma rede de todo o tipo de organizações, nomeadamente sócio-profissionais, religiosas, ligas femininas, entre outras, que lutam por uma causa comum: a libertação, para termos o verdadeiro acesso a oportunidades e igualdade nas relações entre homens e mulheres. Se a OMM está dentro do partido Frelimo, seria bom que reflectisse sobre a sua missão e visão do futuro e ver qual é o seu peso na tomada de decisões em relação às questões das mulheres dentro do partido.

NOT- Pode ser que esta decisão tenha custado à OMM, primeiro porque se houve gente que durante o período em que era uma ONG aderiu à organização, com a sua nova opção pode ter abandonado. Em segundo lugar, as organizações que queriam apoiar a OMM como uma ONG, também pode ser que tenham retirado este apoio...

TS - É verdade que havia muitas organizações parceiras externas e agências internacionais que apoiavam bastante a OMM em vários projectos mas, no momento em que a organização decide voltar a ligar-se ao partido Frelimo, e como estas agências não apoiam organizações partidárias, imediatamente cortaram esse apoio à OMM. Mas como eu dizia, pode ser que a organização tenha reflectido sobre isso. Mas não por ter sido criada pelo partido, passaram 25 anos, as coisas evoluem, a cultura não é estática, a situação económica não é a mesma, muita coisa mudou no mundo, agora fala-se da globalização, etc., e as próprias pessoas também mudam. Portanto, eu penso que na sua reflexão, a OMM devia ter envolvido todas as mulheres e perguntar-lhes se era isso que queriam. Por exemplo, o Fórum Mulher não foi ouvido e a OMM é membro do fórum, até da direcção.

NOT - Até há alguns anos atrás, a OMM era tida como uma organização dinâmica. Mas ultimamente, parece que as coisas mudaram. O que acha que está por detrás disso?

TS - Eu acho que a OMM como uma rede existe ainda a nível da base e com muita força. Quando nós vamos aos distritos



fazer algum trabalho, encontramos lá a OMM. Só que, encontramos também outras organizações e a OMM já não tem a supremacia do poder. Não digo que haja competição entre organizações porque há necessidade, existe muita coisa para fazer em várias áreas mas quero dizer que o espaço é compartilhado por outras organizações femininas, ligas femininas de partidos políticos, para além de que os próprios apoios financeiros já não são canalizados apenas à OMM e por isso mesmo, ela tem que fazer opções de trabalho segundo as suas capacidades financeiras.

NOT - Saindo um pouco do debate sobre a OMM, podemos falar hoje, em Moçambique, da igualdade de direitos entre homens e mulheres tal como está consagrado na Constituição da República?

TS - Sim, acho que estamos numa fase diferente. Alguns trabalhos de investigação mostram-nos que o estágio em que estamos é diferente. Hoje, o ní-

vel de consciência das mulheres é muito maior. As mulheres já estão nas áreas de produção do saber e do conhecimento. No ensino superior, encontramos em algumas faculdades um maior número de mulheres do que de homens, por exemplo, na Faculdade de Veterinária e na Medicina, a percentagem de homens e mulheres é quase a mesma. Mas nas Químicas e Engenharias a percentagem de mulheres continua muito pequena. Daí que, tal como foi já anunciado, estamos a definir a nível da universidade o plano estratégico e um dos objectivos é de garantir a equidade do género, no aspecto de dar uma maior oportunidade às mulheres a ingressar nas Ciências Exactas da UEM. Portanto, o movimento é muito grande e tudo isto é também sincronizado com o que acontece a nível mundial, nas conferências em que nós participamos desde 1975 até às últimas, do Cairo e de Beijing, sobre a mulher. Por outro lado, este movimento nos ajuda a reforçar a nossa luta e a trabalhar em sincronização. Então,

a nossa luta hoje, é pela igualdade, talvez eu diria, equidade efectiva. Mas temos que avançar um pouco mais, nós falamos da integração da mulher no trabalho, na produção, mas o que é que isso significa se já estamos integradas? O que nós não temos é o poder. Temo-lo na esfera privada mas na esfera pública não o temos. Por isso, hoje a luta é diferente: é conseguirmos que este espaço que nos é dado seja conquistado. As nossas leis ainda são discriminatórias. Por exemplo, dentro da nossa Constituição, embora haja igualdade entre homens e mulheres, temos que o homem é o chefe da família. Vamos ver que a violência contra a mulher aumenta cada vez mais no mundo e em Moçambique e por que é que isto acontece? Porque as mulheres estão a conquistar o espaço que merecem e isso representa uma ameaça nestas relações de poder. Portanto, a luta que temos que fazer é no sentido da revisão de leis discriminatórias e de uma maior solidariedade entre as mulheres.